

PAIVA, V. L. M. O.; RODRIGUES JÚNIOR, A. S. O footing do moderador em fóruns educacionais.  
In: ARAÚJO, J. L. (Org.). *Internet & Ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, no prelo.

## **O footing do moderador em fóruns educacionais**

Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva  
Universidade Federal de Minas Gerais/CNPq

Adail Sebastião Rodrigues Júnior  
Universidade Federal de Ouro Preto

*“As dramatists can put any world on their stage, so we can enact any participation framework and production format in our conversation”.*  
Erving Goffman, *Footing*, p.155 (In *Forms of Talk*)

### **RESUMO:**

Nesse estudo, analisamos o *footing* de alguns participantes de dois fóruns de discussão on-line de cursos de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da UFMG. O enfoque principal é a análise do *footing* da moderadora a fim de compreender, à luz do conceito de *footing* de Goffman, a influência de seu alinhamento em suas interações com os outros participantes, seus alunos de pós-graduação. Na primeira parte, apresentamos o estado-da-arte do conceito goffmaniano e sua influência em pesquisas, internacionais e nacionais, sobre a interface entre interação e linguagem. Em seguida, destacamos alguns elementos genéricos pertinentes aos fóruns on-line, a partir de discussões iniciais realizadas por Paiva e Rodrigues Júnior (2004). Depois disso, passamos à análise dos dados e, demonstrando como os *footings* dos usuários, especialmente do moderador, se manifestam, ou se materializam, na tessitura do texto por eles produzido.

### **Introdução**

Em um artigo que sintetiza alguns apontamentos sobre a relação entre ensino e tecnologia, Warschauer e Whittaker (2002, p. 371) afirmam que “a natureza da comunicação mediada por computador é a que cria oportunidades para interações mais descentradas (...)”<sup>1</sup>, em cujas características o(a) educador(a) precisa assumir, segundo Warschauer e Whittaker, uma postura de *guide on the side*, e não de *sage on the stage*. Ou seja, o(a) educador(a) deve adotar um alinhamento, ou *footing*, de quem apóia o aprendiz, como um “guia” que se

---

<sup>1</sup> Nossa tradução de: “... the nature of computer-mediated communication is that it creates opportunities for more decentered interaction (...)”.

encontra ao seu lado, diferentemente de um “sábio” que apenas transmite o conhecimento, como se estivesse em um palanque proferindo um comício, sem se preocupar em dar suporte ao aprendiz. Tendo em mente essas reflexões, neste estudo analisamos o *footing* de alguns participantes de dois fóruns on-line de discussão de cursos de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras da UFMG. O enfoque principal é analisar o *footing* da moderadora e professora dos fóruns a fim de compreender, à luz do conceito de *footing* de Goffman (1979, 1981, 1998, 2002), a influência de seu alinhamento em suas interações com os outros participantes dos fóruns, no geral, alunos de pós-graduação. No que se segue, portanto, apresentamos o estado-da-arte do conceito goffmaniano de *footing* e sua influência em pesquisas, internacionais e nacionais, sobre a interface entre interação e linguagem. Em seguida, destacamos alguns elementos genéricos pertinentes aos fóruns on-line, a partir de discussões iniciais realizadas por Paiva e Rodrigues Júnior (2004). Depois disso, passamos à análise dos dados e, por fim, às considerações finais.

### **Goffman e *Footing*: o estado-da-arte**

Desde o surgimento do ensaio intitulado *Footing* (Goffman, 1979), que inaugurou o conceito nos estudos sociológicos, psicológicos e lingüísticos, o termo passou a ser foco de análise, discussão e aplicação teórica e metodológica por parte de inúmeros pesquisadores das Ciências Sociais e Humanas. Definido como o alinhamento, ou postura, ou projeção pessoal do ‘eu’ dos participantes envolvidos numa interação preferencialmente conversacional, a noção de *footing* pode ser aplicada às várias instâncias de comportamento interacional face a face em cuja dinâmica as mudanças de código e os elementos prosódicos, marcadores de som, tais como, ritmos, volume, altura, timbre, acento e tons de fala, além de estruturas fonêmicas, como interjeições, por exemplo, estão presentes. É neste sentido que Goffman (1979) indica a relação íntima entre linguagem e *footing*, admitindo-se que uma mudança de *footing*, no momento da interação, indica necessariamente uma mudança do estilo da fala pertinente àquele momento interacional. De fato, Goffman considera como uma característica natural da fala que os participantes em uma interação mudem constantemente de *footing*.

Com o lançamento da obra *The Goffman Reader* (1997), organizado por Charles Lemert e Ann Branaman, o nome “Goffman” se lança definitivamente no cenário editorial

internacional como teórico e pensador de temas fundacionais ligados à micro-sociologia, à psiquiatria, à psicologia, aos estudos sobre instituições totais e, notoriamente, às pesquisas em análise do discurso. Branaman (1997) indica que o aspecto central das teorias de Goffman está no entorno da construção do indivíduo como um ser social, produto de performances interacionais em encontros sociais face a face, com o objetivo principal de elaborar ou desenvolver sua própria imagem conforme o contexto ou situação imediata em que a interação ocorre. No decorrer de toda a sua carreira acadêmica, Goffman se preocupou em constituir métodos de análise desses eventos sociais, suscitando reflexões e discussões, da parte de cientistas sociais e lingüistas aplicados, sobre questões sociológicas inerentes à vida cotidiana (cf. Rodrigues Júnior, 2005). Como afirma Giddens (2003, p.79-80),

Goffman é frequentemente considerado um observador idiossincrático da vida social, cuja sensibilidade (...) deriva mais de uma combinação de inteligência penetrante e de um estilo leve, um tanto brincalhão, do que de uma abordagem coordenada da vida social. Essa visão é sumamente enganadora (...). Quero afirmar que, em todo caso, os escritos de Goffman possuem um caráter altamente sistemático, e é isso, em não pequeno grau, que lhes dá sua força intelectual.

Com efeito, um grande elenco de pesquisadores, nacionais e internacionais, tem se inspirado nas teorias goffmanianas para levar a cabo suas perquirições científicas e analíticas.

No contexto internacional, alguns teóricos se declaram analistas do discurso e sócio-interacionistas por conduzirem pesquisas, no campo teórico e aplicado, com base nos temas propostos por Goffman. Gumperz (1982a, b, 1992) tem estabelecido uma agenda teórica e metodológica para os estudos do discurso e da sociolingüística interpretativa com base em vários temas desenvolvidos por Goffman, sobretudo o conceito de *footing*. Brown e Levinson (1987) desenvolveram um estudo exaustivo sobre a polidez, sustentando-se eminentemente na noção de face explorada por Goffman (1967) e abrindo campo metodológico para novas investigações do fenômeno da polidez que privilegiam, dentre outras questões, o conceito de *footing* (cf. Eelen, 2001). Schiffrin tem trabalhado na interface interação conversacional e sociolingüística interacional, dando ênfase aos marcadores discursivos (Schiffrin, 1987) comuns na fala espontânea de falantes norte-americanos, às questões da influência dos gêneros

sociais (*gender*) nas produções de fala natural (Schiffrin, 1994) e à aplicação dos conceitos de *footing* e face ao ensino de línguas (Schiffrin, 1996).

Nessa mesma linha de interesse, as pesquisas de Tannen (1991, 1993, 1994, 1999) têm lançado luz nas questões acerca da interação, do discurso e dos gêneros sociais, todas de base eminentemente goffmaniana. De igual modo, Cameron (1999) focaliza suas pesquisas no entorno das questões de gêneros sociais, privilegiando as relações interacionais entre homens e mulheres a partir de uma perspectiva interacional e cultural. Além disso, Tannen e Wallat (1987) desenvolveram um estudo inédito sobre uma consulta pediátrica, demonstrando as mudanças de *footing* que uma médica pediatra executava quando em interação conversacional com sua paciente-criança, a mãe da paciente e uma câmara filmadora, uma vez que sua consulta estava sendo filmada para servir de material para treinamento de futuros profissionais na área. Todas essas pesquisas, e várias outras, foram compiladas em Jaworski e Coupland (1999) e re-interpretadas e aplicadas por Cameron (2001), o que indica o reconhecimento desses estudos para o campo de pesquisas que envolvem as noções de discurso, interação e sociedade.

No contexto nacional, o reconhecimento do trabalho de Goffman já havia sido registrado antes mesmo da publicação internacional de seu *Reader* (Lemert e Branaman, 1997), quando do lançamento da obra *A Retórica da Ciência: uma leitura de Goffman* (Malufe, 1992). Surgia, portanto, no circuito editorial nacional, a ressonância que as teorias goffmanianas provocaram em núcleos de pesquisa estrangeiros, influenciando os lingüistas e analistas do discurso brasileiros. O trabalho organizado por Ribeiro e Garcez, intitulado *Sociolingüística Interacional*, editado pela Editora AGE, em 1998, e reeditado mais tarde pela Editora Loyola, em 2002, é um outro exemplo disso. Nessa obra, Ribeiro e Garcez compilaram e traduziram, com o auxílio de um grupo de pesquisadores, textos seminais de autores estrangeiros da área, sobretudo textos do próprio Goffman. A coletânea disponibiliza para seus leitores uma vasta lista de trabalhos acadêmicos nacionais e internacionais nessa perspectiva teórica e metodológica.

No Brasil, temos várias pesquisas com base nos conceitos de Goffman.<sup>2</sup> No entanto, não constatamos, até o presente momento, nenhum trabalho ou pesquisa que tenha investigado

---

<sup>2</sup> Ver Ribeiro e Garcez (2002, p.247-254) para um mapeamento de trabalhos de pesquisadore(a)s brasileiro(a)s no âmbito da Sociolingüística Interacional.

os elementos interacionais em fóruns on-line de discussão, tema deste capítulo. O que pretendemos aqui é dar continuidade às investigações apresentadas em Paiva e Rodrigues Júnior (2004), em que analisamos a interação de alunos de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras da UFMG em listas de discussão on-line (fóruns on-line), na tentativa de aplicar e estender o conceito de *footing* a esse gênero digital. Nesse estudo, exploramos alguns elementos discursivos dos participantes das listas de discussão que sinalizavam a presença de seus *footings* no momento em que interagiam com outros interlocutores. Esse trabalho, pois, inaugurou, por assim dizer, uma investigação da presença dos *footings* dos interactantes virtuais em seus discursos. É a partir dos apontamentos apresentados em Paiva e Rodrigues Júnior (2004) que focalizamos o cerne do presente trabalho, o qual detalhamos na seção seguinte.

### **Fóruns on-line e seus elementos genéricos**

Os fóruns on-line de discussão formam uma modalidade de gênero digital que se caracteriza por possuir objetivos comunicativos diversos e estabelecidos por membros que constituem uma comunidade discursiva virtual. Na maioria das vezes, essas listas de discussão, também conhecidas por Newsgroup ou UseNet group, são gêneros que medeiam interesses discursivos de comunidades preferencialmente acadêmicas, tendo características comunicativas assíncronas. Segundo Marcuschi (2004, p.58), nos fóruns on-line

[n]ão existem temas fixos, mas existe algo assim como um *enquadre geral* de temas que podem ser falados pelos participantes dessas listas. Elas não são definidas pelos números de participantes e sim pela natureza da participação e pela identidade do participante. Este é identificado ou pelo seu nome ou pelo seu endereço eletrônico. (Itálico no original)

Pelo próprio fato de ser um gênero digital voltado principalmente para discussões de cunho acadêmico, as escolhas discursivas dos usuários desse gênero tendem a retratar seus interesses comunicativos e, sobretudo, a oferecer pistas lingüísticas e discursivas como elementos retóricos que constituirão esse gênero digital enquanto uma “ação social” (Miller, 1984). Algumas dessas escolhas discursivas já foram tratadas por Paiva e Rodrigues Júnior

(2004), revelando, *a priori*, uma relação íntima entre discurso, *footing* e gênero digital. Em especial, esse trabalho demonstrou que os *footings* dos participantes do fórum on-line investigado mudavam à medida que as negociações interacionais exigiam que seus interlocutores assumissem papéis interativos conforme as necessidades da interação em curso.

Percebe-se igualmente que no gênero digital fórum on-line o conceito de *comunidade virtual*, ou conjunto de indivíduos ou membros que se inter-relacionam em níveis de confiança, credibilidade e partilha de interesses comuns, é bem notório se comparado, por exemplo, a outros gêneros digitais, como o *chat* e o e-mail (cf. Marcuschi, 2004).

O estudo de Paiva e Rodrigues Júnior (2004) igualmente suscitou reflexões acerca do limiar entre oralidade e escrita nos fóruns on-line, apontando para a necessidade de uma conceituação de texto pertinente à prática discursiva típica dos gêneros digitais, sobretudo porque “o mundo eletrônico provoca uma tríplice ruptura: propõe uma nova técnica de difusão da escrita, incita uma nova relação com os textos, impõe-lhes uma nova forma de inscrição” (Chartier, 2002, p.23-4). Dentro da teoria sistêmico-funcional de M. A. K. Halliday (Halliday e Matthiessen, 2004), por exemplo, um texto é um produto de escolhas, feitas por usuários da língua, de uma ampla rede de estruturas lingüísticas típicas do sistema lingüístico de uma dada língua. Em outras palavras, “um texto é o produto de uma seleção contínua dentro de uma ampla rede de sistemas”, o que nos leva a entender que a “linguagem é uma fonte de construção de significados, sendo que estes significados residem em estruturas sistêmicas”<sup>3</sup> da língua que oferecem inúmeras oportunidades de escolhas de uso da linguagem (Halliday e Matthiessen, 2004, p.23). Essas escolhas vão depender, em sua maioria, do contexto social e cultural em que o usuário da língua se insere e do conteúdo semântico apropriado a cada tipo de texto. No caso dos fóruns on-line, as formas de textualização do discurso dos interlocutores assumem traços tanto da oralidade quanto da escrita, uma vez que, nesse tipo de gênero, “metáforas gramaticais”, que constituem camadas semânticas de significação mais formal, típicas da língua erudita, tais como nominalizações que omitem o agente da ação (Halliday e Matthiessen, 2004, p.656-58), não são comumente usadas. Marcuschi (2004, p.64) esclarece

---

<sup>3</sup> Nossa tradução de: “[a] text is the product of ongoing selection in a very large network of systems (...). [L]anguage is a resource for making meaning, and meaning resides in systemic patterns (...)”.

que as novas formas de escrita, tais como os *e-mails* e os *chats* e os *blogs*, por exemplo, reproduzem estratégias da língua falada [com uma] produção de enunciados mais curtos e com menos índice de nominalizações por frase, [o que] propicia (...) uma escrita mais amigável e mais próxima da fala. (Itálicos no original)

Com efeito, as estruturas lingüísticas mais empregadas pelos usuários dos fóruns on-line são as que respeitam a seqüência S.V.O. (Sujeito-Verbo-Objeto), com construções sintagmáticas mais simples, em cuja estrutura haja uma equivalência lógica entre as unidades da frase (Silva e Koch, 2004) e uma presença significativa de “turnos comunicativos” em contínuo, que mais se assemelham a “turnos de fala” (Sacks, Schegloff e Jefferson, 1974). Todavia, a presença de traços retóricos do discurso acadêmico também permeia a produção discursiva dos fóruns on-line, por se tratarem, em sua maioria, de listas de discussão de pessoas interessadas em temas de estudo e pesquisa.

Em virtude dessas colocações, os *footings* dos interlocutores têm nos textos por eles produzidos os elementos discursivos para se expressarem enquanto participam das negociações interacionais dos fóruns on-line. Admitindo-se que esses participantes conhecem e, até certo ponto, dominam satisfatoriamente os elementos retóricos do gênero digital fórum on-line, por pertencerem, em sua maioria, a comunidades virtuais que utilizam institucionalmente esse gênero digital, as negociações discursivas entre esses membros podem revelar traços retóricos que sinalizam suas performances interacionais e, conseqüentemente, seus *footings*.

Um ponto crucial para a análise discursiva dos fóruns on-line é a noção de hibridismo inculcada nos estudos dos gêneros do discurso. Para o analista crítico do discurso Norman Fairclough (2003), o hibridismo representa uma sobreposição dos limites tipológicos que caracterizam os traços discursivos empregados pelas e nas sociedades pós-modernas, associado ao advento da globalização e da legitimação de práticas sociais típicas das sociedades informatizadas. Essa noção de hibridismo indica a possibilidade de transformações ou mudanças contínuas pelas quais os gêneros passam no decorrer da história mediante os variados fins a que se prestam. Pagano (2001) sublinha que essas mudanças são decorrentes de transformações discursivas ostensivas de gêneros já existentes, oriundas de práticas textuais

que conduzem à inserção e/ou exclusão de elementos retóricos e lingüísticos comuns aos antigos gêneros que deram origem a novas formas de gêneros. Para Pagano (2001, p.87),

[u]m exemplo de novo gênero, surgido a partir de transformações de gêneros existentes, é também o e-mail ou comunicação via correio eletrônico. Híbrido de carta, telefonema, telegrama e de outros gêneros, o e-mail tem hoje uma identidade genérica própria, vinculada às condições tecnológicas de sua produção e a uma comunidade discursiva que faz uso dele.

No caso do fórum on-line educacional, Paiva e Rodrigues Júnior (2004) teceram algumas características discursivas desse gênero digital, salientando, sobretudo, (i) sua interação assíncrona, (ii) sua organização em *threads*, ou seqüências, ou turnos comunicativos, (iii) sua disposição de agrupar vários tópicos discursivos de uma só vez, (iv) sua linguagem mais cuidada, erudita, e (v) sua tendência um pouco rígida às possibilidades de mudanças de *footing* dos participantes da interação. O que se vê, na verdade, nos fóruns on-line são estruturas retóricas e lingüísticas híbridas do gênero “artigo acadêmico”, “ensaio”, “e-mail” e “*chat*”, pelo fato de apresentarem, respectivamente, formas discursivas mais rebuscadas (como citações de teorias, discussões metodológicas e práticas, dentre outras), com um padrão de textualização encontrado em cartas e telegramas (nome, assunto, nome do destinatário da mensagem, dentre outros) e abertura e fechamento de “turnos comunicativos” comuns no gênero digital *chat*.

Diante dessas características discursivas, duas perguntas surgiram para nós: será que o papel discursivo do moderador propicia essa rigidez de mudança de *footing*, fato este típico do gênero digital fórum on-line de discussão? Caso isso aconteça, que traços discursivos e retóricos presentes nos fóruns on-line refletem essa rigidez? Percebemos, pois, a necessidade de investigar mais detalhadamente como os *footings* dos usuários, especialmente do moderador, dos fóruns on-line se manifestam, ou se materializam, na tessitura do texto por eles produzido. Como esses usuários buscam, até certo ponto, explicitar seus argumentos por meio da escrita e, principalmente, suprir a falta de outros recursos comunicativos típicos da interação face a face, como gestos, posturas, entonação, expressões faciais, dentre outros, durante a interação virtual percebemos que suas produções discursivas tentam retextualizar a fala na escrita. Ou seja, inspirando-nos em Marcuschi (2001), durante a produção escrita, os



participantes dos fóruns on-line (i) eliminam marcadores textuais que sinalizam hesitações; (ii) substituem a entonação por sinais de pontuação; (iii) condensam a linguagem através da eliminação de repetições, paráfrases, redundâncias, dentre outras; (iv) explicitam a comunicação por meio de elementos coesivos, do tipo, referentes anafóricos e catafóricos, dêiticos, dentre outros; (v) reordenam a estrutura sintática das orações de modo a dar-lhes mais sentido e clareza; (vi) oferecem à produção escrita maior formalidade; (vii) e agrupam suas idéias em blocos discursivos coerentes a fim de garantirem o entendimento do conteúdo exposto.

No entanto, os *footings* desses interactantes devem estar presentes em suas produções discursivas, por ser este fato uma condição *sine qua non* para o reconhecimento da prática social de cada participante nessa comunidade virtual. Dessa forma, neste trabalho tentaremos mapear como os *footings* dos interlocutores virtuais se materializam em suas produções discursivas, privilegiando o discurso do moderador como filtro de controle e condução da interação virtual. Ressaltamos, porém, que as discussões aqui feitas apenas sinalizam possíveis características discursivas e genéricas dos fóruns on-line, demonstrando, pois, a necessidade de mais pesquisas nessa linha de interesse. Antes de passarmos à análise propriamente dita, é importante descrever o contexto desse tipo de interação.

## **O contexto**

Os exemplos utilizados em nossa análise foram retirados de dois fóruns do site voy.com e em funcionamento no segundo semestre de 2004. O primeiro, <http://www.voy.com/117037/>, é fruto das interações dos participantes de uma disciplina da Pós-graduação em Estudos Lingüísticos da UFMG, “A interação”, que teve como objetivo discutir textos sobre análise conversacional, utilizando corpora de interações face a face ou mediadas por computador. Os temas foram: conceitos fundamentais da análise da conversação, tais como tomada de turno, organização da conversa, polidez, *footing*, contexto, enquadres, gênero social, interação na sala de aula. Os alunos deveriam ter também um corpus gravado e transcrito de qualquer tipo de interação (entrevista, conversa, aula, etc.).

O segundo, <http://www.voy.com/183535/>, reunia os alunos de outra disciplina da Pós-graduação em Estudos Lingüísticos da UFMG, sobre “Autonomia na aprendizagem de línguas

estrangeiras”, cujo objetivo era discutir conceitos fundamentais sobre autonomia na aprendizagem de línguas estrangeiras. As duas turmas foram mediadas pela mesma professora que interagiu com os alunos durante toda a semana, inclusive sábados e domingos, por opção dos próprios alunos.

Além do fórum, os dois grupos utilizavam outras duas ferramentas virtuais, uma *homepage* com as principais informações sobre a organização do curso – cronograma, bibliografia, formas de avaliação – e uma lista de discussão por e-mail para avisos, pedidos de ajuda e outras comunicações mais ligeiras.

Goffman (1998, p.12) alerta que “[o] movimento da língua (em certos níveis de análise) é na verdade apenas uma das partes de um complexo ato humano cujo significado deve também ser buscado no movimento das sobrancelhas e da mão”. Partindo dessa premissa, como buscar o significado na interação mediada por computador se não há pistas visuais? Restam, então, as relações de poder entre os participantes e as mudanças de código que são, de acordo com Gumperz (1976)<sup>4</sup>, citado por Goffman (1998, p.73), marcadas por “discurso direto ou indireto; seleção do interlocutor; interjeições; repetições; franqueza pessoal ou envolvimento; informação nova ou velha; ênfase; separação de tópico do sujeito; tipo de discurso (ex.: palestra e discussão)”.

Diferentemente da conversa, o fórum educacional on-line admite muitos participantes, todos eles com o direito de intervir, ou seja, com o direito de interagir na forma de leitura e escrita. Nos fóruns analisados, os alunos só poderiam participar das discussões se enviassem para um outro espaço virtual, na segunda-feira, os resumos dos textos a serem discutidos naquela semana. Assim, os participantes ratificados eram aqueles que comprovavam com antecedência ter conhecimento do tema a ser discutido. Quem não preenchesse essa condição, não poderia ter “voz” no fórum. A participação consistia na apresentação de comentários ou dúvidas sobre os textos. O grupo que discutia o tema “interação” deveria, ainda, procurar em seu corpus exemplos que ilustrassem a teoria em discussão.

---

<sup>4</sup> GUMPERZ, J. J. “Social network and language shift”. In: COOK-GUMPERZ, J; GUMPREZ, J.J. (Eds.). *Papers on language and context*, (Working Paper #46). Berkeley: Language Behavior Research Laboratory, University of California, 1976.

## **Análise e discussão dos dados**

A análise dos dois fóruns revela que, assim como na interação conversacional face a face, com muitos participantes, os tópicos não são discutidos por todos os componentes do fórum. Surgem reagrupamentos, com novos tópicos sendo discutidos ao mesmo tempo, e alguns alunos ficam silenciosos ou participam pouco. A não participação de alguns interactantes nesse evento discursivo aponta para uma possível caracterização – embora sejam considerados participantes ratificados, o próprio gênero digital fórum on-line pressupõe conhecimento prévio do assunto tratado e conseqüentemente uma participação ativa que contribua com a produção do conhecimento veiculada pelo fórum. Nos termos de Goffman, esse tipo de interactante é denominado de “responsável”, ou seja, “alguém cuja posição é estabelecida pelas palavras faladas [no caso deste estudo, pelas palavras ‘digitadas’], alguém cujas crenças são verbalizadas, alguém que *está comprometido com o que as palavras expressam*” (Goffman, 2002, p. 134, nossas ênfases).

No fórum sobre autonomia, houve uma maior participação dos alunos e menos mensagens da professora. Uma hipótese explicativa desse fato interacional pode ser o contato com leituras e pesquisas acerca da autonomia, sobretudo do aprendiz de línguas estrangeiras, interpretadas aqui como insumos, ou *input*, que induziam os interactantes a reproduzirem nas discussões do fórum os aspectos de autonomia lidos nos textos do curso. Já no outro fórum, encontramos mais enunciados da professora que exercia seu papel de moderadora, na tentativa de mover as interações, avaliando, elogiando, e fazendo correções. Assim, a moderadora do fórum sobre “interação” exercia seu papel de falante ratificado e, sobretudo, de “responsável”. Goffman (2002, p. 134) assevera que o “responsável” também é “uma pessoa que ocupa algum papel ou identidade social específica, alguma qualificação especial como integrante de um grupo, posto, categoria, relação, associação ou qualquer fonte de auto-identificação socialmente referenciada”.

Assim como acontece na conversa face a face, nas interações nos fóruns ocorrem igualmente mudanças de *footing*. (Goffman, 1998, p. 75) explica que:

[u]ma mudança de *footing* implica uma mudança no alinhamento que assumimos para nós mesmos e para os outros

presentes, expressa na forma em que conduzimos a produção ou a recepção de uma elocução. Uma mudança em nosso *footing* é uma outra forma de falar de uma mudança em nosso enquadre dos eventos.

Por intermédio das mudanças de *footing*, como no uso de endereçamento, por exemplo, é possível encontrar nos fóruns diálogos que acontecem entre falantes ratificados pelo contexto interacional. Temos o que Goffman (1998, p. 79) define como “‘jogo paralelo’: comunicação subordinada de um subgrupo de participantes ratificados”.

Passemos agora à análise de algumas mudanças de *footing* da moderadora.

### **1) Atenuantes e qualificadores, na forma de verbos modais**

No nosso corpus, a moderadora iniciou várias mensagens usando marcadores de valoração (*appraisal*)<sup>5</sup> que, segundo Martin e Rose (2003), expressam os sentimentos e os valores atribuídos aos enunciados elaborados pela interactante, tais como “acredito que, no meu modo de ver”, “acho que”, “não tenho certeza”, dentre outros. Os exemplos de nosso fórum mostram as estratégias discursivas de valoração empregadas pela moderadora da interação virtual, numa tentativa de expressar sua face positiva<sup>6</sup> perante os outros interlocutores. As estratégias de valoração empregadas pela moderadora atenuam seus enunciados, convocando para si um *eu* do enunciador cujos traços discursivos denotam cordialidade e simpatia, embora expressando suas avaliações sobre os enunciados produzidos pelos demais interlocutores virtuais do fórum. De igual modo, esses atenuadores apontam para a avaliação tanto das teorias em discussão quanto das reflexões dos participantes no curso, como podemos ver nos exemplos (a) e (b):

---

<sup>5</sup> Para uma introdução às teorias de Appraisal, acessar <http://www.grammatics.com/appraisal/>.

<sup>6</sup> Brown e Levinson (1987, p.61) definem face positiva como a auto-imagem ou personalidade positiva dos interactantes quando em contato face a face com seus interlocutores. A face positiva expressa a expressão de cordialidade e simpatia do interactante que detém o turno de fala do evento conversacional, cuja característica de face positiva se mantém mesmo quando esse interactante se encontra em espera, aguardando o momento de retomar o turno de fala da interação em curso.

(a) *Me parece que* a preocupação do autor é achar características gerais do fenômeno, independentemente das especificidades de cada contexto.

(b) *Acho que* você está confundindo enquadre com *footing*.

## 2) Interrupções no curso da interação para correção causada por algum tropeço

Na interação verbal, o curso da fala é interrompido para a emissão de uma afirmação remediadora (Goffman, 1998, p.90). No fórum, o produtor da mensagem pode fazer correções feitas durante a digitação de uma mensagem. No entanto, alguns tropeços somente são despercebidos após a postagem, restando ao enunciador o envio de nova mensagem, como no exemplo que passamos a descrever.

No dia 11 de outubro, uma aluna inicia um tópico sobre motivação que angariou a participação de vários colegas durante vários dias. Após a manifestação de 8 colegas a moderadora posta uma mensagem que se inicia com a seguinte frase: “No meu modo de ver a motivação, ela é também um construto *completo* ...” (Itálico nosso). Seis minutos e 41 segundos depois, a moderadora posta nova mensagem e anuncia a mudança de *footing* ao escrever no campo “assunto” a palavra “correção” que é reforçado pelo marcador “Digo” no corpo da mensagem: “Digo: No meu modo de ver a motivação, ela é também um construto COMPLEXO e não completo”.

O Exemplo acima demonstra claramente o uso recorrente de estratégias discursivas remediadoras do gênero digital fórum on-line que o caracterizam como um gênero híbrido de carta, telegrama, e-mail, *chat* e artigo acadêmico. Ou seja, a interactante usa recursos lexicais comumente encontrados em artigos acadêmicos, do tipo, a tematização do enunciado “No meu modo de ver motivação” e, sobretudo, a escolha lexical “construto” como epíteto que tipifica a motivação. Essas escolhas lexicais não são comuns em *chats* e e-mails, uma vez que a base discursiva dos fóruns é a discussão de tópicos relevantes para a interação virtual, diferentemente de outros gêneros digitais. Mesmo assim, a nomeação da mensagem como “correção” e o endereçamento da mesma aos outros interactantes caracterizam o fórum virtual como um gênero que condiciona em sua estrutura genérica elementos típicos dos gêneros telegrama, carta, e-mail e, neste caso, artigo acadêmico.

### 3) Uso de letras maiúsculas equivalendo a uma marca prosódica

As letras maiúsculas funcionam como o acento na linguagem oral, enfatizando a correção, como no exemplo anterior, ou como angariador de atenção, como no exemplo abaixo.

Os exemplos começam a aparecer, mas pediria a *TODOS* para fazer um esforço e localizarem em seus corpus exemplos que ilustrem a teoria que estamos estudando esta semana.

É perceptível no exemplo acima o papel discursivo de “responsável” executado pela moderadora das discussões, dado que compete a ela congregar os interactantes e distribuir, ou organizar, as tarefas que serão realizadas pelos membros da interação virtual. O uso de letras maiúsculas chama a atenção dos interlocutores para as tarefas consideradas fundamentais a fim de que o fórum se caracterize como um espaço virtual de discussão e esclarecimento, em uma permanente relação com a aplicação das teorias ali tratadas.

Outro exemplo de mudança de *footing* é a forma como uma das alunas pede ajuda:

Subject: HELP!!!!!!!!!!!!

Ao mudar o código do português para o inglês e, também, ao usar sinais gráficos de exclamação repetidos, a aluna sinaliza a mudança de *footing* por meio da demonstração de sua ansiedade ao fazer um pedido urgente de socorro ao invés de trazer uma contribuição para a discussão. De fato, ela queria ajuda para uma questão técnica da Internet.

### 4) Avaliação

Outro *footing* empregado pela moderadora é o de avaliadora das mensagens postadas pelos alunos, tendo por objetivo (a) promover maior interação e participação dos que se encontram em silêncio, (b) refletir sobre possíveis equívocos dos alunos, ou (c) elogiar.

(a) *Acho que* seria importante você apresentar alguns pontos do texto para tentar provocar a discussão.

(b) *Será que* você *poderia* deixar mais clara qual é a relação que você quer fazer entre o texto que apresentou e o texto de Little et al.? *Minha impressão* é a de que os autores estão falando de coisas diferentes.

(c) *Obrigada por enviar informações tão relevantes.*

Os *footings* de incentivo à interação, de reflexão e de elogio adotados pela moderadora caracterizam-se sobretudo por recursos lingüísticos que denotam cordialidade e moderação ao tom dos enunciados. As escolhas léxico-gramaticais “Acho que”, “Será que”, “poderia” e “Minha impressão” explicitam as estratégias discursivas de atenuação do peso ilocucionário dos enunciados. Além disso, esses marcadores de valoração contribuem para a fundamentação teórica e aplicada dos tópicos discutidos durante a interação entre os interlocutores, sendo considerados recursos lingüístico-discursivos que expressam as características retóricas da linguagem em uso desses tipos de gêneros digitais.

## 5) Incentivo

Um *footing* freqüente é o de animação, quando a moderadora (a) tenta mover a interação que se acomoda em alguns momentos; (b) incentiva um aluno a elaborar mais sua participação; ou (c) elogia o grupo ou um aluno.

a1) *Até o momento*, apenas Andrea tocou no *tema* higiene verbal. Vocês teriam algum exemplo familiar, da *mídia*, romance, música, etc que *corroborasse* essa questão apontada pela autora? Quando eu era criança vivia ouvindo minha mãe dizendo "Menina mulher não fala palavrão/ não ri alto/ não conta piada", etc.

a2) *Voltando ao tema da semana*, vocês não têm mais exemplos de diferença de *gêneros* nas transcrições de vocês? Se não tiverem ainda dá tempo de observar em volta e trazer algum exemplo para nós.

a3) *Oi pessoal*,  
*Que tal dar mais uma olhada* no texto desta semana para ver se não há outros conceitos interessantes que merecem ser discutidos por nós?

b) Boa observação. Você tem no seu *corpus* exemplos de aberturas de *transaction*. Dê uma olhada.

c) As discussões esta semana estão em alto nível e a participação melhorou sensivelmente. *Ganhei meu dia e minha noite*.

Há inúmeros exemplos nos dados acima que expressam escolhas lexicais e gramaticais típicas do discurso científico. Essas escolhas são marcas discursivas recorrentes nos fóruns analisados, fato lingüístico que aponta para uma característica retórica desses tipos de gêneros digitais: orações mais bem elaboradas, como, por exemplo, a oração reduzida de gerúndio “Voltando ao tema da semana”, exercendo o papel de tema, ou ponto de partida, da interação; e escolhas de léxico mais técnico e erudito, como em “Até o momento”, “tema”, “mídia”, “corroborasse”, “corpus” e “transaction”.

Fato discursivo bem marcado na interação da moderadora foi sua mudança de *footing* de professora, quando do uso de léxico mais técnico apontado anteriormente, para colaboradora, quando da escolha por expressões mais cordiais, do tipo, “Oi pessoal”, “Que tal dar mais uma olhada” e “Ganhei meu dia e minha noite”, numa tentativa de se aproximar mais plenamente da *territorialidade interacional* (Goffman, 2002, p. 129) de seus interlocutores, tecer suas avaliações sobre o curso e incentivar mais discussões com fundamentação nos textos propostos.

## 6) Discurso relatado

Nesse tipo de alinhamento, o enunciador faz uso das palavras do outro, expressando sentimento ou opinião alheia. O discurso relatado é interpretado, segundo Goffman (2002, p. 136), como “sutis alterações de *footing*”, visto que quem fala é, ao mesmo tempo, o “responsável” pelo discurso relatado e o “animador” do discurso do outro.

Quando eu era criança vivia ouvindo minha mãe dizendo "Menina mulher não fala palavrão/ não ri alto/ não conta piada", etc..

Nesse exemplo, a moderadora utiliza o discurso relatado para realizar o papel discursivo de “encaixamento” (Goffman, 2002, p. 136-70), isto é, a inserção do discurso do



outro em sua produção discursiva de modo a fornecer subsídios discursivos adicionais que exemplificam suas intenções comunicativas.

## 7) Citação

A opção pelo relato é um outro tipo de *footing*. Veja o exemplo:

... para que essa língua, como diz Almeida Filho, vá aos poucos se desestrangeirizando

Esse tipo de citação respalda, por assim dizer, o *footing* professoral da moderadora, uma vez que ela convoca outras vozes, reconhecidas no contexto acadêmico do ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras, para dar suporte ao seu discurso. Ao adotar os recursos de citação comuns aos gêneros do discurso artigo acadêmico, a moderadora fortalece suas argumentações, dado que esse tipo de hibridismo é propiciado pelas características genéricas do fórum on-line de discussões.

## 8) Crítica com preservação de face

Nesse tipo de *footing*, a moderadora faz, primeiramente, um elogio, preservando a face do outro, e, em seguida, critica o aluno ou cobra uma participação mais cuidadosa.

Você *traz reflexões* importantes para nos ajudar a pensar em formas diferentes para essas apresentações, *como por exemplo*, pedir à platéia que faça perguntas e dê sugestões. Mas como o tema da semana ainda é gênero, há diferenças de gêneros nessas apresentações?

*Boa observação.* Você tem no seu corpus exemplos de aberturas de transaction. Dê uma olhada.

*Sua análise está correta*, mas você tem exemplos bem mais interessantes, *como, por exemplo*, quando ele *corta a fala* dessa mesma participante *e a filha goza a cara dela*.

*Muito interessante suas observações.* Teria sido interessante mostrar mais um pedacinho do trecho.

Seu raciocínio é interessante, mas quem fala em *máxima da qualidade* é o Grice

Alguns trechos destacados acima, tais como “Boa observação”, “Sua análise está correta”, “Muito interessante suas observações”, expressam claramente o *footing* professoral da moderadora, em cujos exemplos ela dá retorno (*feedback*) aos comentários e exemplificações de seus alunos virtuais. As escolhas léxico-gramaticais típicas desse tipo de *footing* são vistas nas colocações (*collocations*) “traz reflexões” e “como por exemplo”, bem como nas escolhas lexicais “máxima da qualidade” e “Grice”, as quais representam pontos teóricos do filósofo da linguagem Paul Grice. Fato curioso, no entanto, pode ser visto na mudança abrupta de *footing* professoral da moderadora para *footing* de participante, quando das escolhas “corta a fala” e “a filha goza a cara dela”, típicas de gêneros digitais mais informais, como *chats*, por exemplo. Nessas passagens, fica claro o hibridismo característico do gênero fórum on-line de discussão, visto aqui como recurso discursivo que faz com que os interlocutores do fórum possam agir socialmente por intermédio desse gênero.

## 9) Falsas perguntas

As falsas perguntas também se configuram em um tipo de *footing* em que a moderadora, de forma indireta, critica a participação dos alunos. Vejam os exemplos:

*Você não acha que poderia ser mais produtivo selecionar um bom exemplo e explicá-lo detalhadamente?*

*Será que você não está fazendo confusão?*

*E o seu corpus. Você não vai analisar?*

São claras, nos exemplos acima, as estratégias discursivas de atenuação da força ilocucionária dos enunciados produzidos pela moderadora e direcionados aos participantes da discussão. Esses atenuadores (“Você não acha”, “Será que”, “E o seu corpus. Você não vai analisar?”), conforme salientam Brown e Levinson (1987), expressam as atitudes da

moderadora diante da participação dos interactantes, os quais, muitas vezes, camuflam enunciados mais diretivos que, talvez, pudessem ameaçar a face negativa<sup>7</sup> dos interlocutores.

## 10) Perguntas

Já as perguntas diretivas enunciadas pela moderadora expressam claramente seu *footing* professoral e, simultaneamente, de responsável, admitindo-se que o curso seguro e pontual da interação entre os interactantes do fórum dela depende.

Como você explica esse exemplo *à luz da teoria* que estamos estudando? Houve a violação de alguma máxima? Qual?

Ok, mas como foi *a abertura e o fechamento* e qual é o *padrão organizacional de uma entrevista* desse tipo? Quem abre, o que se espera que aconteça em cada *sequência*, etc?

Como você analisa cada um desses *footings*? Que *alinhamentos* eles representam?

Que *evidência* você tem nos *dados* para afirmar que não há *discordância* por insegurança? Não consegui perceber isso. Tannen não estaria focando a interação homem X mulher?

Como você relaciona esse exemplo com *o texto de Robin Lakoff*?

Seria bom você comentar seu exemplo *à luz da teoria*.

É curioso perceber que as escolhas léxico-gramaticais destacadas nos trechos acima são comuns no discurso acadêmico. Essas escolhas discursivas funcionam como registros textuais que respaldam os enunciados da moderadora e, concomitantemente, marcam ainda mais seu *footing* de orientadora das discussões em curso. Diferentemente dos excertos apresentados no item 9 mais acima, em que a moderadora precisou modalizar seus questionamentos, os trechos do item 10 propiciam um papel discursivo mais diretivo, uma vez que a moderadora “encaixa” ao seu próprio discurso as vozes de outros teóricos. O

---

<sup>7</sup> Segundo Brown e Levinson (1987, p. 61), face negativa expressa a necessidade de se preservar a territorialidade interacional dos interlocutores, respeitando seus direitos e posicionamentos na interação.

conhecimento das teorias, portanto, confere à moderadora meios discursivos de marcar seu *footing* de professora e incentivar seus alunos à discussão e à reflexão.

## 11) Críticas

As críticas também são marcadas por meio de modalizações típicas da língua portuguesa. As expressões “Você continua nos devendo”, “Acho complicado” e “Acho que” denotam um *footing* de cordialidade perante os enunciados dos interactantes. É curioso perceber que quanto **menos** marcada for a presença de citações a teorias e a teóricos, **mais** modalizações são textualizadas no discurso da moderadora. Isso sugere que talvez o “encaixamento” de outras vozes ao discurso da professora possibilita a esta última adotar um *footing* mais diretivo e, ao mesmo tempo, mais técnico, ao passo que *footings* mais cordiais, os quais levam em consideração a face negativa dos interlocutores, são comuns à moderadora quando da ausência de “encaixamentos” ao seus enunciados. Os excertos seguintes mostram esse fato discursivo:

*Você continua nos devendo* algum exemplo sobre polidez no seu corpus.

O trecho acima está *meio* confuso. *Acho complicado* chamar "estado físico" de enquadre. *Acho que* você continua confundido tópico com enquadre.

Tais características se estendem aos elogios, item 12 abaixo, proferidos pela moderadora, em cujas estruturas lingüísticas está presente a força ilocucionária do incentivo às análises e comentários feitos pelos participantes do fórum.

## 12) Elogios

A análise está muito interessante.

Seu exemplo está perfeito. Parabéns.

Os elogios, além de exercerem o papel discursivo de incentivo e *feedback*, apresentam os exemplos dos interlocutores como comentários a serem considerados por todos os interactantes. Agindo assim, a moderadora considera a face positiva de seus colegas e, ao mesmo tempo, faz com que eles sejam agentes na construção do conhecimento na interação em curso.

### **Considerações finais**

A mudança de *footing* projeta os vários enquadres compatíveis com um evento social educacional on-line. Em virtude disso, acreditamos que podemos responder positivamente à nossa pergunta inicial: “será que o papel discursivo do *moderador* propicia essa rigidez de mudança de *footing*, fato este típico do gênero digital fórum on-line de discussão?”

Não encontramos nos dois fóruns nenhum enunciado que não os esperados em uma interação acadêmica rígida, isto é, sem espaço para conversas paralelas e brincadeiras. Os *footings* se encaixavam em enquadres de orientação, direcionamento, explicações, avaliação, estímulos à reflexão, e desafios que levavam os participantes a aprofundarem suas reflexões.

Mesmo usando atenuadores como “acho que”, ou “minha impressão”, dentre outros, a participação da moderadora demonstrou mais poder do que a dos demais participantes, em função de seu papel social nesse tipo de comunidade discursiva. Cabe a ela coordenar o rumo das interações e, assim, garantir a rigidez que impede que as mudanças de *footing* ultrapassem o enquadre da interação acadêmica.

Não encontramos em nosso corpus reclamações, brincadeiras, convites, avisos pessoais, ou qualquer outro tipo de *footing* que perturbasse a discussão acadêmica. No entanto, é bom ter em mente que, paralelamente ao fórum, as duas turmas contavam com um grupo de discussão via e-mail, onde outros tipos de alinhamentos poderiam acontecer, como ocorre na sala de aula presencial. A combinação das várias ferramentas acaba por alocar a cada uma funções de linguagem diversas. À *homepage* compete informar, ao fórum argumentar academicamente, e à lista de discussão veicular mensagens afetivas e sociais.

Concluimos, portanto, que as ferramentas têm um papel fundamental para assegurar a rigidez ou a flexibilidade das interações. Nossas investigações indicam que a ferramenta fórum se presta mais à função argumentativa e isso é facilitado não só pela assincronia, mas

pela facilidade de se recuperar a discussão, que acontece de forma não-linear, e nela se inserir a qualquer tempo sem interromper outros temas em curso.

A *designer* do curso, no caso em análise a professora, ao selecionar as ferramentas e a elas atribuir papéis específicos, determina os enquadres e, conseqüentemente, os *footings*, ou alinhamentos esperados dos participantes.

Em um próximo trabalho, pretendemos comparar os *footings* dos participantes em interações simultâneas tanto em lista de discussão quanto em fóruns.

## Referências

- BRANAMAN, A. "Goffman's social theory". In: LEMERT, C., BRANAMAN, A. (eds.). *The Goffman Reader*. USA/UK/Australia: Blackwell, 1997. p.xlv-lxxxii.
- BROWN, P., LEVINSON, S. C. *Politeness: some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- CAMERON, D. "Performing Gender Identity: Young Men's Talk and The Construction of Heterosexual Masculinity". In: COUPLAND, N., JAWORSKI, A. (Eds.). *The discourse reader*. London: Routledge, 1999. p. 442-58.
- CAMERON, D. *Working with discourse*. London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage, 2001.
- CHARTIER, R. *Os desafios da escrita*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- EELLEN, G. *A critique of politeness theories*. Manchester, UK: St. Jeromy, 2001.
- FAIRCLOUGH, N. *Analysing discourse: textual analysis for social research*. London e New York: Routledge, 2003.
- GIDDENS, A. *A constituição da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- GOFFMAN, E. "Footing", *Semiotica*, 25, 1/2, 1979, p.1-29.
- GOFFMAN, E. "Footing". In: GOFFMAN, E. *Forms of talk*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1981. p.124-59.
- GOFFMAN, E. "Footing". In: RIBEIRO, B. T., GARCEZ, P. M. (orgs.). *Sociolinguística Interacional*. Porto Alegre: AGE, 1998 a. p. 70-97.
- GOFFMAN, E. "Footing". In: RIBEIRO, B. T., GARCEZ, P. M. (orgs.). *Sociolinguística Interacional*. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2002.
- GOFFMAN, E. "A situação negligenciada". In: RIBEIRO, B.T.; GARCEZ, P.M. (orgs). *Sociolinguística interacional: antropologia, linguística e sociologia em análise do discurso*. Porto Alegre: AGE, 1998. p.11-15.
- GOFFMAN, E. *Interactional ritual: essays on face-to-face behavior*. New York: Pantheon Books, 1967.
- GUMPERZ, J. J. (ed.). *Language and social identity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982b.

- GUMPERZ, J. J. "Contextualization and Understanding". In: DURANTI, A., GOODWIN, C. (eds.). *Rethinking Context: Language as an Interactive Phenomenon*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992. p. 229-52.
- GUMPERZ, J. J. *Discourse strategies*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982a.
- HALLIDAY, M. A. K. e MATTHIESSEN, C. M. I. M. *An introduction to functional grammar*. 3 ed. UK: Arnold, 2004.
- JAWORSKI, A., COUPLAND, N. (eds.). *The discourse reader*. London: Routledge, 1999.
- LEMERT, C., BRANAMAN, A. (eds.). *The Goffman Reader*. USA/UK/Australia: Blackwell, 1997.
- MALUFE, J. R. *A retórica da ciência: uma leitura de Goffman*. São Paulo: EDUC, 1992.
- MARCUSCHI, L. A. "Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital". In: MARCUSCHI, L. A., XAVIER, A. C. (orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. p.13-67.
- MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- MARTIN, J. R., ROSE, D. *Working with discourse: meaning beyond the clause*. London e New York: Continuum, 2003.
- MILLER, C. R. "Genre as social action", *Quarterly Journal of Speech*, v. 70, 1984, p.151-76.
- PAGANO, A. S. "Gêneros Híbridos", In: MAGALHÃES, C. M. (org.). *Reflexões sobre a análise crítica do discurso*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2001. p.83-104.
- PAIVA, V. L. M. O. e, RODRIGUES JÚNIOR, A. S. "Fóruns on-line: intertextualidade e *footing* na construção do conhecimento. In: MACHADO, I. L., MELLO, R. (orgs.). *Gêneros: reflexões em análise do discurso*. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2004. p.171-89.
- RODRIGUES JÚNIOR, A. S. "Metodologia sócio-interacionista em pesquisa com professores de línguas: revisitando Goffman", *Linguagem e Ensino*, v. 8, n. 1, 2005, p.123-48.
- SACKS, H., SCHEGLOFF, E., JEFFERSON, G. "A simplest systematics for the organization of turn taking for conversation", *Language*, v.50, n.4, 1974, p.696-735.
- SCHIFFRIN, D. "Interactional sociolinguistics". In: McKAY, S. L., HORNBERGER, N. H. (eds.). *Sociolinguistics and language teaching*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996. p.307-28.
- SCHIFFRIN, D. *Approaches to discourse*. Oxford: Basil Blackwell Press, 1994.
- SCHIFFRIN, D. *Discourse markers*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- SILVA, M. C. P. de S. e, KOCH, I. V. *Linguística aplicada ao português: sintaxe*. 12 ed. São Paulo: Cortez, 2004.
- TANNEN, D. "New York Jewish conversational style". In: JAWORSKI, A., COUPLAND, N. (eds.). *The discourse reader*. London: Routledge, 1999. p. 459-73.
- TANNEN, D. "What's in a frame? Surface evidence for underlying expectations". In: TANNEN, D. (Ed.). *Framing in discourse*. New York e Oxford: Oxford University Press, 1993. p. 14-56.
- TANNEN, D. *Gender and discourse*. New York & Oxford: Oxford University Press, 1994.
- TANNEN, D. *Você simplesmente não me entende*. São Paulo: Best Seller, 1991.

TANNEN, D., WALLAT, C. "Interactive frames and knowledge schemas in interaction: examples from a medical examination/interview", *Social Psychology Quarterly*, 50 (2), 1987, p.205-16.

WARSCHAUER, M., WHITTAKER, P. F. "The internet for english teaching: guidelines for teachers". In: RICHARDS, J. C., RENANDYA, W. A. (eds.). *Methodology in language teaching: an anthology of current practice*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. p.368-73.